

Banqueiros se livram de um problema

O discurso de Nicholas Brady sugerindo a redução da dívida, feito durante o almoço oferecido, no oitavo andar do Departamento de Estado, aos participantes do seminário sobre a dívida do Terceiro Mundo, patrocinado pelo Bretton Woods Committee, produziu entre os banqueiros um efeito absolutamente inesperado: depois de ouvirem a sugestão de redução da dívida, a maioria voltou à sala onde se realizavam os trabalhos com imensos sorrisos nos lábios.

“Ainda bem que finalmente resolveram fazer alguma coisa”, disse Tom Clausen, ex-presidente do Banco Mundial e atual presidente do Bank of America, um dos maiores credores do Brasil. Com ele fez coro o presidente da Shearson American Express, James Robinson. “Minha reação agora é dizer graças a Deus”, disse, reforçando rumores que circularam ao longo da semana de que a reação dos banqueiros seria favorável simplesmente porque eles estão loucos para se verem livres do problema.

Obstáculos — “A proposta de Brady representa um imenso passo inicial num processo que precisa de uma liderança para dar certo”, disse Clausen. “Hoje, o governo dos Estados Unidos declarou que está disposto a assumir este papel.” Clausen tinha uma outra razão para estar feliz. Ele participou de um painel pela manhã (antes do discurso de Brady) quando tocou na questão dos obstáculos que as cláusulas de *compartilhamento* e de *promessa negativa* colocavam às propostas de redução da dívida, dois pontos aos quais o secretário voltaria a tocar em seu discurso.

Clausen, em sua exposição, admitiu que era preciso buscar algum tipo de rumo novo

em relação à dívida: “Até agora a sua solução tem escapado à nossa compreensão.” Especificamente, ele não propôs uma redução da dívida, mas do serviço. “Isto não deve ser estendido a todos os países e nem pode ser feito de forma mandatória”, afirmou, dizendo ainda que o mero empréstimo de dinheiro novo, sem uma política que reduza os juros da dívida contraída, acabará apenas empilhando mais débito nas costas dos devedores. O banqueiro disse que os bancos estão cooperando com os devedores, mas precisam de algum incentivo para embarcarem nesta política.

Desconto — Sugeriu que o governo americano e os governos de outros países credores ofereçam descontos no imposto aos que se engajarem nesta atividade, diminuam a regulamentação que agora sofrem sobre suas operações nos Estados Unidos e, como contrapartida, admitiu que os bancos colocassem suas reservas de contingência como empréstimos a países que estivessem interessados em participar da proposta de redução do serviço.

William Seidman, presidente da FDIC, órgão do governo americano que garante os depósitos bancários, deu apoio à ideia de Clausen de que os bancos tivessem algum tipo de desconto no imposto desde que se comprometessem em operações de redução do serviço da dívida. Admitiu que o governo americano deveria realmente assumir a liderança no processo de revisão da dívida — “porque durante algum tempo nós encorajamos o seu crescimento”, disse — e elogiou a política dos bancos de montarem reservas para se garantirem contra seus empréstimos a países do Terceiro Mundo (M.F.B.)